

**E quando bebês e crianças não podem mais ir à escola: Um estudo com famílias, bebês e crianças da Educação Infantil**



**Núcleo de Educação Infantil – Escola Paulistinha de Educação**

**Universidade Federal de São Paulo**

**Grupo de Pesquisa Sobre e com Bebês, Crianças e  
Infâncias**

**E quando bebês e crianças não podem mais ir à escola:  
Um estudo com famílias, bebês e crianças da Educação  
Infantil / Relatório Técnico da Pesquisa Quantitativa:  
Primeiras Análises**

**São Paulo, dezembro de 2022**



**Autoras:**

Andréia Regina de Oliveira Camargo  
Juliana Diamante Pito  
Thaise Vieira de Araujo  
Vanessa Ribeiro Leôncio  
Rosa Silva Lopes Chaves  
Roseli Gonçalves Ribeiro Martins Garcia

**Autor:**

Ítalo Butzke

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

E quando bebês e crianças não podem mais ir à escola: Um estudo com famílias, bebês e crianças da Educação Infantil / Relatório técnico da pesquisa quantitativa [recurso eletrônico] : primeiras análises / Andréia Regina de Oliveira Camargo ... [et al.] ; Grupo de Pesquisa Sobre e com Bebês, Crianças e Infâncias. São Paulo : UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, 2022.

PDF.

ISBN: 978-65-00-51697-5

1. Educação infantil. 2. Pesquisa educacional. I. Universidade Federal de São Paulo. Núcleo de Educação Infantil – Escola Paulistinha de Educação. Grupo de Pesquisa Sobre e com Bebês, Crianças e Infâncias. II. Título.

CDD

372.21

---

Elaborado por Cristiane de Melo Shirayama – CRB 8/7610



**E quando bebês e crianças não podem mais ir à escola: Um estudo com famílias, bebês e crianças da Educação Infantil**

**Núcleo de Educação Infantil – Escola Paulistinha de Educação /  
Universidade Federal de São Paulo.**

**Grupo de Pesquisa sobre e com Bebês, Crianças e Infâncias**

**Coordenação**

Dra. Andréia Regina de Oliveira Camargo

**E-mail:** [acamargo13@unifesp.br](mailto:acamargo13@unifesp.br)

Me. Juliana Diamante Pito

**E-mail:** [juliana.pito@unifesp.br](mailto:juliana.pito@unifesp.br)

Me. Thaise Vieira de Araujo

**E-mail:** [araujo.thaise@unifesp.br](mailto:araujo.thaise@unifesp.br)

**Equipe da pesquisa**

Me. Ítalo Butzke

Profa. Vanessa Ribeiro Leôncio

Me. Rosa Silva Lopes Chaves

Dra. Roseli Gonçalves Ribeiro Martins Garcia

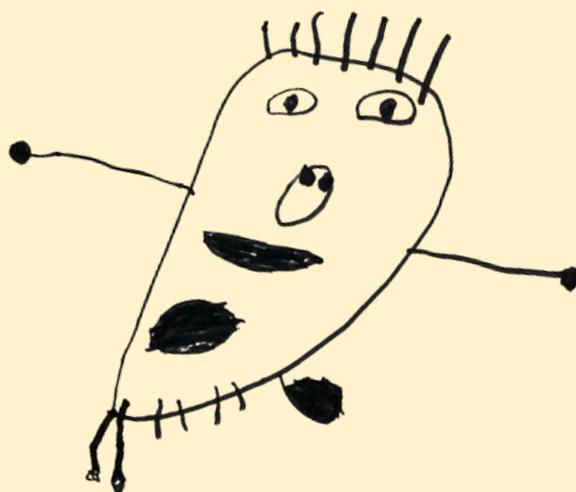
## **PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO**

Thaise Vieira de Araujo

## **REVISÃO**

Thaise Vieira de Araujo

Juliana Diamante Pito



## **AGRADECIMENTOS**

Nossos sinceros agradecimentos às pessoas que participaram do processo de realização da pesquisa.

As famílias, que aceitaram participar da primeira fase da pesquisa, respondendo ao questionário on-line.

Aos bebês e crianças do NEI Paulistinha, nossa razão de existir como Unidade Universitária Federal de Educação Infantil.

A equipe gestora do NEI Paulistinha, que viabilizou a realização da pesquisa.

A equipe do Comitê de Ética em Pesquisa da Unifesp.

Ao Paulo Mello Mattos de Castro pelo apoio técnico em informático



## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - RESPONDENTE DA PESQUISA

GRÁFICO 2 - AUTODECLARAÇÃO DE GÊNERO DAS/DOS RESPONDENTES

GRÁFICO 3 - AUTODECLARAÇÃO DE RAÇA OU COR DAS/DOS RESPONDENTES

GRÁFICO 4 - IDADE DAS/DOS RESPONDENTES

GRÁFICO 5 - VÍNCULO TRABALHISTA DAS/DOS RESPONDENTES

GRÁFICO 6: ÁREA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DAS/DOS RESPONDENTES

GRÁFICO 7: ESCOLARIDADE DAS/DOS RESPONDENTES

GRÁFICO 8: RESPONDENTES COM DEFICIÊNCIA

GRÁFICO 9: ACESSO A EQUIPAMENTOS TECNOLÓGICOS

GRÁFICO 10: ACESSO À INTERNET

GRÁFICO 11: QUANTIDADE DE ADULTOS QUE MORAM NA CASA DA FAMÍLIA

GRÁFICO 12: QUANTIDADE DE CRIANÇAS QUE MORAM NA CASA DA FAMÍLIA

GRÁFICO 13: QUANTIDADE DE ADOLESCENTES QUE MORAM NA CASA DA FAMÍLIA

GRÁFICO 14: IMPACTO ECONÔMICO NA PANDEMIA

GRÁFICO 15: TRABALHO REMOTO NA FAMÍLIA

GRÁFICO 16: ESTUDO REMOTO NA FAMÍLIA DA CRIANÇA

GRÁFICO 17: IDADE DA CRIANÇA

GRÁFICO 18: GÊNERO DA CRIANÇA

GRÁFICO 19: CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA

GRÁFICO 20: PERÍODO DE MATRÍCULA DA CRIANÇA NA ESCOLA

GRÁFICO 21: ACESSO DA CRIANÇA A EQUIPAMENTOS TECNOLÓGICOS

GRÁFICO 22: LOCAL QUE A CRIANÇA FICA A MAIOR PARTE DO TEMPO

GRÁFICO 23: INTERAÇÃO ENTRE PARES

GRÁFICO 24: QUEM SÃO AS CRIANÇAS DAS INTERAÇÕES ENTRE PARES

**GRÁFICO 25:** AÇÕES QUE A/O BEBÊ E/OU A CRIANÇA TEM REALIZADO COM MAIOR FREQUÊNCIA: TELAS

**GRÁFICO 26:** AÇÕES QUE A/O BEBÊ E/OU A CRIANÇA TEM REALIZADO COM MAIOR FREQUÊNCIA: BRINCADEIRAS

**GRÁFICO 27:** AÇÕES QUE A/O BEBÊ E/OU A CRIANÇA TEM REALIZADO COM MAIOR FREQUÊNCIA: ESCOLA E OUTRAS

## **TABELA**

**TABELA 1:** PESSOAS QUE MORAM COM A CRIANÇA

## **ARTE**

Os desenhos e pinturas contidos no relatório foram produzidos pelas crianças do Núcleo de Educação Infantil – Escola Paulistinha de Educação da Unifesp.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>PONTO DE PARTIDA.....</b>	<b>10</b>
<b>O NEI Paulistinha como contexto de pesquisa .....</b>	<b>11</b>
<b>NOTAS METODOLÓGICAS.....</b>	<b>13</b>
<b>RESULTADOS INICIAIS DA PESQUISA QUANTITATIVA .....</b>	<b>15</b>
<b>Informações Iniciais dos/as Participantes da Pesquisa .....</b>	<b>15</b>
<b>Considerações Sobre o Perfil das/dos Participantes .....</b>	<b>21</b>
<b>INFORMAÇÕES SOBRE A FAMÍLIA.....</b>	<b>23</b>
<b>Consideração Sobre as Famílias Participantes da Pesquisa .....</b>	<b>29</b>
<b>INFORMAÇÕES SOBRE AS/OS BEBÊS E CRIANÇAS DAS FAMÍLIAS</b>	
<b>PARTICIPANTES DA PESQUISA.....</b>	<b>32</b>
<b>Considerações Sobre as/os Bebês e Crianças das Famílias Participantes</b>	
<b>da Pesquisa .....</b>	<b>37</b>
<b>BREVES CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>44</b>



---

## INTRODUÇÃO

Este relatório apresenta as primeiras análises dos dados da pesquisa “E quando bebês e crianças não podem mais ir à escola? Um estudo com famílias, bebês e crianças da Educação Infantil”, realizada pelo Grupo de Pesquisa sobre e com Bebês, Crianças e Infâncias – ACRIANÇAR, da Universidade Federal de São Paulo, que tem como objetivo investigar os impactos da suspensão das atividades presenciais da creche e pré-escola, devido a pandemia da COVID-19, na vida de crianças, desde bebês, e suas famílias. Assim, esse texto apresenta, de forma descritiva, dados iniciais da sua primeira etapa, coletados por meio de questionário on-line. Destacamos a importância da divulgação de conhecimentos produzidos acerca dos impactos provocados pela pandemia em famílias que contavam com a Educação Infantil como espaço de compartilhamento de educação e cuidado dos bebês e crianças de pouca idade e, por isso, tanto essas informações, quanto aquelas geradas nas próximas etapas, deverão ser ainda aprofundadas e apresentadas em futuras publicações.

Este texto segue organizado em três partes: **Introdução**, **Resultados Iniciais** e **Breves Considerações**. Na primeira delas, na “Introdução” apresentamos o ponto de partida da pesquisa, assim como seus objetivos, referenciais teóricos e o percurso metodológico. Na segunda parte, em “Resultados”, apresentamos de forma descritiva e por meio de gráficos ilustrativos, informações sobre o perfil das famílias participantes e sobre o cotidiano das crianças durante o período de suspensão das atividades presenciais na escola. Por fim, nas “Breves Considerações” apontamos as ações de continuidade nas análises da pesquisa



## PONTO DE PARTIDA

Esta pesquisa nasce no contexto do Núcleo de Educação Infantil – Escola Paulistinha de Educação, Unidade Universitária Federal de Educação Básica da Universidade Federal de São Paulo, no ano de 2020, durante a suspensão de suas atividades presenciais, devido a situação de emergência sanitária causada pela pandemia da COVID-19.

Durante os muitos encontros virtuais realizados pela equipe da escola naquele ano, tornou-se comum as docentes/pesquisadoras<sup>1</sup> se depararem com presença maciça das mulheres, em especial das mães, acompanhando as crianças e compartilhando relatos: enquanto algumas mantinham seus trabalhos presenciais, algumas inclusive atuando na linha de frente de combate à pandemia, profissionais da área da saúde, outras relatavam suas rotinas de trabalho remoto que extrapolavam os limites entre trabalho e vida pessoal. Em muitos casos era possível observar a participação nos encontros ou reuniões enquanto desempenhavam alguma outra função, cuidando, alimentando as crianças, ou fazendo algum serviço doméstico. O fato é que, em comum, as famílias<sup>2</sup> apresentavam uma questão: *o que faremos com as crianças*”.

As cenas e os depoimentos desses encontros virtuais se repetiam e faziam cada vez mais parte do cotidiano da escola e por isso acabaram sendo elevadas a temática de discussão do Grupo Acriançar, de forma que considerá-la, exigia refletir sobre algumas questões relacionadas a função social da Educação Infantil, de compartilhar com as famílias o cuidado e a educação de

---

<sup>1</sup> Ao longo da pesquisa faremos referência às docentes/pesquisadoras como forma de identificar as componentes do Grupo ACRIANÇAR que também atuam como educadoras do Núcleo de Educação Infantil Paulistinha, da Universidade Federal de São Paulo, na busca por consolidar o tripé da pesquisa e extensão na relação com as práticas pedagógicas da escola da infância.

<sup>2</sup> O objetivo desta pesquisa não é tecer uma discussão teórica-conceitual sobre família, portanto, aqui estamos compreendendo família, inspirados em Szymanski (2004), como grupos de pessoas que convivem e se reconhecem como tal, propondo-se a ter entre si uma ligação afetiva, em suas diferentes possibilidades de composição e formas de organização, contrapondo-se a visões naturalizadas sobre ela. Para análises aprofundadas sobre concepções de famílias indicamos também os trabalhos das pesquisadoras Cynthia Sarti e Claudia Fonseca.

bebês e crianças pequenas, sua origem e sua história ligada aos movimentos e as lutas sociais protagonizadas por mulheres, assim como sobre a própria natureza relacional da Educação Infantil, necessariamente efetivada de forma presencial.

Mas e quando a creche fecha/fechou? Onde e como estão/ficaram os/as bebês e as crianças pequenas durante a pandemia? Por quem estão/foram cuidados? Quais foram os impactos da suspensão das atividades presenciais no cotidiano das famílias?

Assim, conforme já anunciado, espera-se com essa pesquisa conhecer os impactos da suspensão das atividades presenciais da Educação Infantil na vida de bebês, crianças que a frequentavam, assim como na vida de suas famílias, identificando questões como quem são os/as responsáveis pelos seus cuidados e as relações estabelecidas com as crianças. Com abordagem quantitativa e qualitativa, as análises serão feitas na interface dos Estudos Sociais da Infância e da Criança e as questões de gênero, raça e classe social.

## **O NEI Paulistinha como contexto de pesquisa**

Fundado em 1971 para atender filhas e filhos das mulheres trabalhadoras da Escola Paulista de Enfermagem e Hospital São Paulo (NASCIMENTO.; *et al*, 2020), o atual Núcleo de Educação Infantil - Escola Paulistinha de Educação, é a Unidade Universitária de Educação Básica da Universidade Federal de São Paulo. Localizado no bairro da Vila Clementino, atualmente atende crianças de 0 a 10 anos na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental I. Na Educação Infantil o atendimento é integral, com funcionamento das 6:30 às 19:00. As vagas são distribuídas entre filhas e filhos de funcionários da UNIFESP/ HU/ HOSPITAL SÃO PAULO e a comunidade geral, por meio de inscrição e sorteio público. Como Unidade Universitária Federal de Educação Básica é também lócus de atividades de pesquisa, extensão e estágios.

Destacamos que no ano de 2020, assim que decretado o estado de emergência sanitária, devido a pandemia causada pelo vírus SARS-COV2, a

COVID-19, o NEI Paulistinha, assim como as demais instituições do país, suspendeu suas atividades presenciais e passou a organizar ações e propostas virtuais com bebês, crianças e suas famílias. Tal organização se estendeu até julho de 2021, totalizando 15 meses de atividades virtuais. Em agosto de 2021 retomam-se as atividades presenciais na unidade, de forma parcial e escalonada, segundo critérios de frequência estabelecidos pelo Plano de Retorno às atividades presenciais no NEI Paulistinha, este, por sua vez, construído com base na Resolução CONSU nº 205/2021, que apresenta diretrizes para retorno das atividades presenciais na UNIFESP. Trazemos tal questão à lume, pois devido aos trâmites de desenvolvimento da pesquisa, que inclui aprovação nos Conselhos de Ética, via Plataforma Brasil<sup>3</sup> e da gestão escolar, algumas crianças, aproximadamente 30% delas, já frequentavam a escola presencialmente, ainda que de forma parcial, quando produzimos os dados dessa pesquisa, enviando um questionário virtual às famílias das crianças matriculadas na Educação Infantil. Nesse período a escola contava com 137 crianças matriculadas nesta etapa, distribuídas nas seguintes turmas:

- \* 11 crianças no Berçário 1 (0 a 1 ano de idade);
- \* 17 crianças no Berçário 2 (1 a 2 anos de idade);
- \* 20 crianças no Maternal 1 (2 a 3 anos de idade);
- \* 22 crianças no Maternal 2 (3 a 4 anos de idade);
- \* 32 crianças no Infantil 1 (4 a 5 anos de idade);
- \* 35 crianças no Infantil 2 (5 a 5 anos e 11 meses de idade).

---

<sup>3</sup> Número CAAE 4667281.4.0000.5505



---

## NOTAS METODOLÓGICAS

Como forma de melhor compreender a complexidade da realidade social investigada, esta pesquisa apresenta abordagem quantitativa e qualitativa (MINAYO & SANCHES, 1993; COZBY, 2003; GATTI, 2005; LÜDKE & ANDRÉ, 2013), com produção dos dados prevista para ocorrer em dois momentos:

- a) aplicação de pré-teste de questionário on-line;
- b) envio de questionário on-line.

Assim, os dados apresentados neste relatório são correspondentes ao envio de questionário on-line piloto e envio de questionário on-line a todas as famílias da Educação Infantil. Tais instrumentos foram construídos com base em duas pesquisas da mesma natureza (questionário on-line) realizadas sobre o tema Educação Infantil e Pandemia, a saber: A perspectiva da família sobre a relação com a creche e a pré-escola em tempos de pandemia de COVID-19 – Informe 1: Dados Quantitativos sobre o retorno das atividades presenciais (LIMA; CARVALHO & SILVA, 2020) e a pesquisa realizado pelo Núcleo de Estudos da Infância da UFSCar – Sorocaba – SP.

Os questionários foram enviados pela Secretaria da escola pelo e-mail das famílias indicados no ato da matrícula. Junto ao questionário foi enviado convite de participação na pesquisa, explicitando o nome do grupo de pesquisa, apresentação das coordenadoras, objetivos e a indicação de participação facultativa a ela. Para acessar o questionário foi criado link no *google forms*.

O questionário piloto foi enviado no dia 05/10/2021 para 5 famílias, cada uma de um agrupamento (Berçário 1, Berçário 2, Maternal 1, Maternal 2, Infantil 1 e Infantil 2). Nessa etapa, obtivemos 2 respostas e nenhuma consideração de mudança no questionário. Após análise das respostas obtidas por meio do questionário piloto optou-se pela não alteração do instrumento que foi enviado pela primeira vez, sob orientação da Coordenação de Pesquisa, Extensão e Estágio, para todas as famílias das 13 turmas da Educação Infantil no dia em

20/10/2021. O questionário foi ainda reenviado nos dias 11/11/2021 e 16/11/2021, com a exclusão das famílias que já haviam respondido. Após os três envios do questionário foram contabilizadas 49 respostas (incluindo as duas respostas do questionário piloto), sendo uma delas desconsiderada por ser de uma família de criança matriculada no Ensino Fundamental.

As 48 respostas consideradas na análise, que equivalem a 35,7% do total de crianças matriculadas na Educação Infantil (137), são correspondentes a:

- a) 8 respostas do Berçário 1;
- b) 4 respostas do Berçário 2;
- c) 10 respostas do Maternal 1;
- d) 9 respostas do Maternal 2;
- e) 8 respostas do Infantil 1;
- f) 9 respostas do Infantil 2.

Se considerarmos a divisão estabelecida legalmente pela LDB 9.394/96 entre creche (crianças de 0 a 3 anos) e pré-escola (4 e 5 anos) é possível observar uma maior concentração de respostas equivalentes as crianças em idade de frequência à creche (31 das respostas válidas ou 66%).

Todas as respostas obtidas vieram acompanhadas de aceite de participação, assim como autorização para contato para esclarecimentos ou desenvolvimento de outras pesquisas.



---

## RESULTADOS INICIAIS DA PESQUISA QUANTITATIVA

A primeira etapa de análise desta pesquisa consistiu em um levantamento de informações por meio do formulário on-line, feito pelo *google forms*. As questões foram agrupadas em 4 blocos temáticos: 1- Informações iniciais das/os participantes/respondentes da pesquisa; 2- Informações sobre as famílias participantes da pesquisa; 3- Informações sobre as/os bebês e crianças das famílias participantes da pesquisa e 4- Informações sobre os impactos e desafios da pandemia na vida da família participantes da pesquisa, este último com questões dissertativas e os demais com questões de múltipla escolha. A seguir apresentaremos tais resultados e análises parciais da pesquisa.

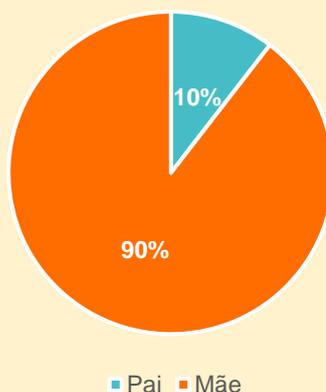


## INFORMAÇÕES INICIAIS DAS/OS PARTICIPANTES/RESPONDENTES DA PESQUISA

Este tópico apresenta informações sobre o perfil das/os participantes da pesquisa.

### GRÁFICO 1 - RESPONDENTE DA PESQUISA

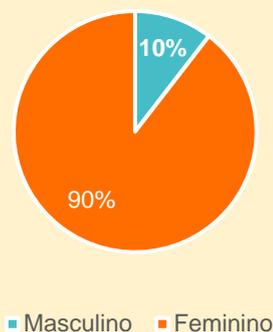
Respondente da pesquisa



A maioria das/dos respondentes da pesquisa são as mães - 90% ou 43 e 10% ou 5 correspondem aos pais das crianças. Observamos que na população do NEI Paulistinha, mesmo com outros familiares, responsáveis legais ou de apoio familiar pelas crianças, somente as mães em sua maioria, e uma minoria de pais, tomaram a iniciativa em responder ou preencher o questionário proposto.

### GRÁFICO 2 - AUTODECLARAÇÃO DE GÊNERO DAS/DOS RESPONDENTES

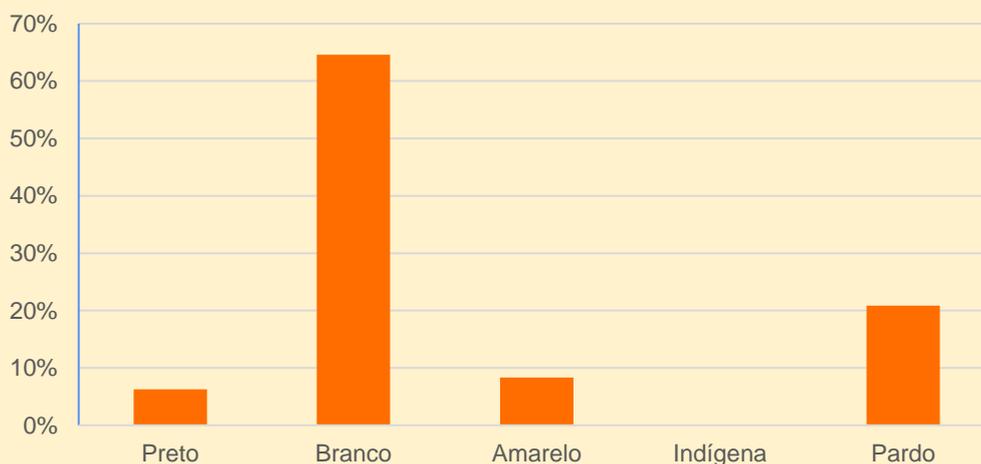
### Gênero



Com relação ao gênero, as/os participantes da pesquisa em 90% ou 43 dos casos se autodeclaram do gênero feminino e em 10% ou 5 do gênero masculino.

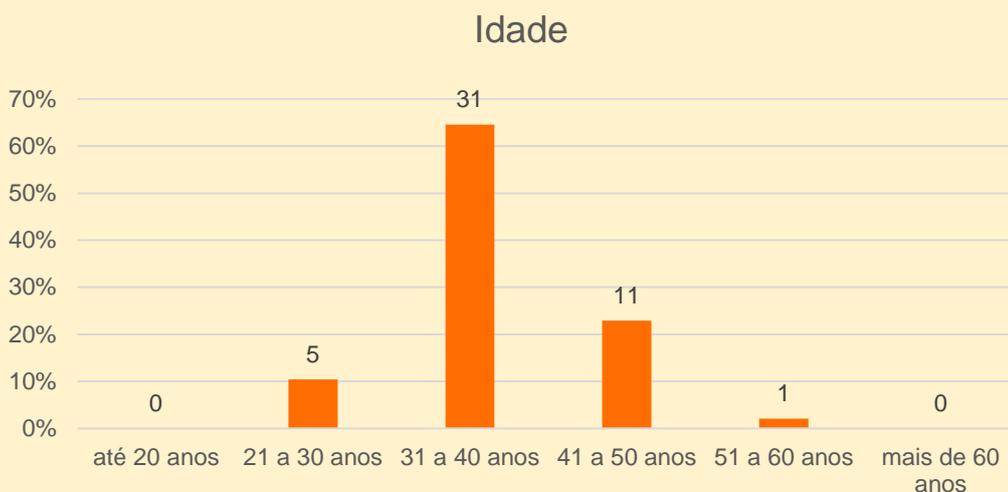
### **GRÁFICO 3 - AUTODECLARAÇÃO DE RAÇA OU COR DAS/DOS RESPONDENTES**

### Raça/Cor



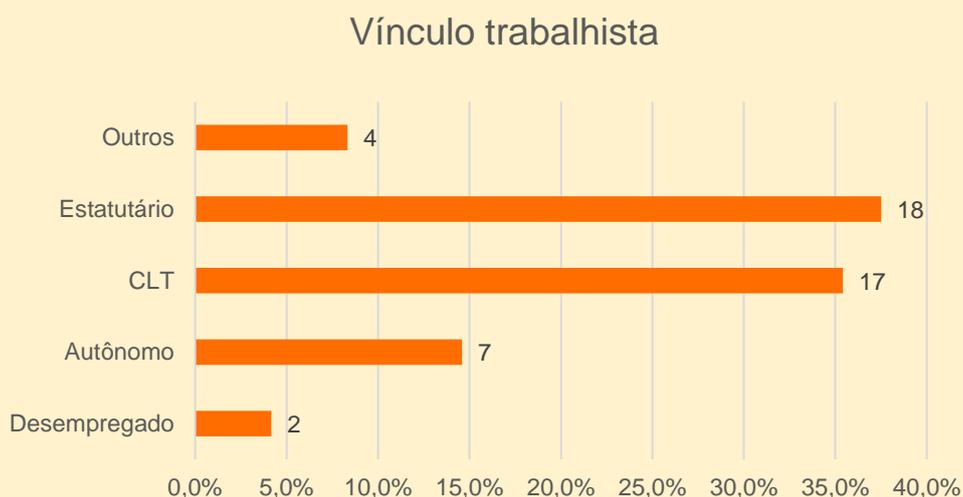
A maioria das/dos participantes da pesquisa se autodeclaram brancas/os - 65% ou 31, seguido por pretas/os - 7% ou 3, pardos - 20% ou 10 e amarelas/os - 8% ou 4, enquanto observamos a ausência da autodeclaração da cor/raça indígena.

#### GRÁFICO 4 – IDADE DAS/DOS RESPONDENTES



O maior grupo etário 64% ou 31 apresenta idade entre 31 a 40, seguido pelo segundo maior grupo 23% ou 11 com 41 a 50 anos. O terceiro é o grupo mais jovem 10% ou 5 com 21 a 30 anos (10%), seguido pelo último e menor grupo 2% ou 1 com 51 a 60 anos e nenhum ou nenhuma acima de 60 anos de idade.

#### GRÁFICO 5 - VÍNCULO TRABALHISTA DAS/DOS RESPONDENTES

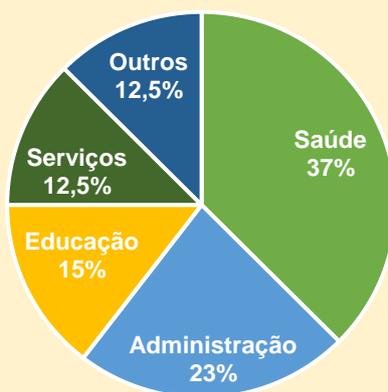


A maioria das/dos participantes da pesquisa são estatutários - 37,5% ou 18. O segundo maior grupo é formado pelas/os trabalhadoras/es celetistas - 35,5% ou 17, seguido pelas/os autônomas/os - 15% ou 7, outros tipos ou vínculos trabalhistas correspondem a 8% ou 4 e desempregadas/os - 4% ou 2.

Destes que se declaram desempregados, isto é, em condições de desemprego, são pais, declarados do gênero masculino.

### **GRÁFICO 6: ÁREA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL DAS/DOS RESPONDENTES**

Área de Atuação Profissional

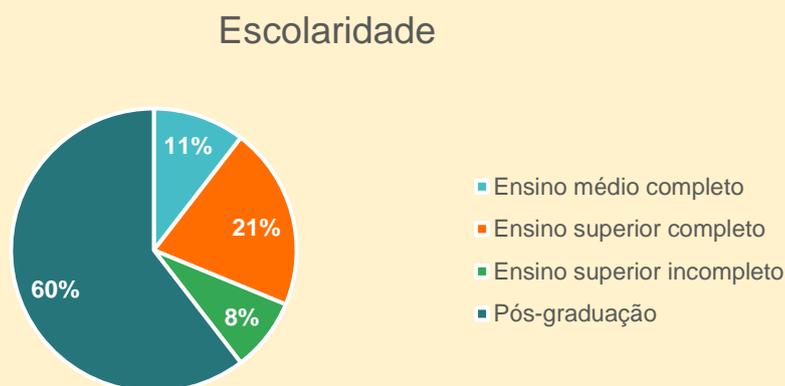


Com relação a atuação profissional das/os participantes da pesquisa, a maioria é da área da saúde – 37% ou 18. As demais áreas de atuação são administração – 23% ou 11, educação - 15% ou 7, serviços 12,5% ou 6 e outros 12,5% ou 6<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> As funções que exercem no trabalho, mesmo entre as desempregadas, são diversas: Administrador, Administrativa (2); Agente administrativo; Analista; Ascensorista (2); Assistente em Administração; Atendente SAC; Auxiliar de enfermagem (3); Artesã; Bancária; Biomédica; CEO; Cabeleireira; Consultor Comercial; Designer; Designer Gráfico; Enfermeira (3); Engenheiro; Ensino e cuidado de enfermagem; Escriturária (Auxiliar Administrativo); Especialista CRM; Fisioterapeuta (2); Gerente de Custos; Mestranda; Nutricionista (2); Pesquisadora, Pesquisadora autônomo, professora temporária, tutora de oficinas; Professora (2); Professora de Educação Básica; Professora de educação infantil; Psicóloga (3); Secretária (2); TEC em radioterapia; Técnica de enfermagem; Técnico em audiovisual; Terapeuta Ocupacional; Vendas.

## GRÁFICO 7: ESCOLARIDADE DAS/DOS RESPONDENTES



Com relação a escolaridade, 60% ou 39 das/dos participantes possuem pós-graduação, seguido por quem tem nível superior completo - 21% ou 10, nível médio – 11% ou 5 e ensino superior incompleto – 8% ou 4. Ninguém com ensino médio incompleto, ou apenas ensino fundamental completo ou incompleto. Os dados revelam o meio social em que a instituição NEI Paulistinha está inserida, considerando que 50% das vagas são abertas à comunidade e 50% são destinadas às famílias que atuam profissionalmente na Unifesp e SPDM, pessoas com menos escolaridade por algum motivo não têm acesso às vagas, ou não participaram da pesquisa.

## GRÁFICO 8: RESPONDENTES COM DEFICIÊNCIA



A totalidade das/dos respondentes afirmaram não possuir nenhuma deficiência – 100% ou 48.



## Considerações Sobre o Perfil das/dos Participantes/Respondentes da Pesquisa

O primeiro bloco temático nos permite conhecer quem são as/os participantes da pesquisa, sendo o maior grupo composto por mulheres e o menor grupo por homens. Os dados evidenciam duas questões iniciais, uma diz respeito ao gênero como dimensão do cuidado e educação da infância e a outra destaca o perfil das mulheres participantes da pesquisa, que cuidam e educam no contexto familiar de seus bebês e crianças pequenas no período pandêmico.

A pesquisa revelou um paralelo entre o contexto social mais geral e o contexto específico da investigação, no que diz respeito ao cuidado e educação da infância e atuação das mulheres nesse campo. Sabe-se que historicamente são as mulheres as principais responsáveis pelos afazeres domésticos e cuidados familiares, são elas que cuidam da casa, das pessoas da família, incluindo as crianças e acumulam tais atividades com a vida profissional. Trabalhar, estudar e cuidar da casa e da família torna a jornada diária tripla e exaustiva para a maioria das mulheres brasileiras e indica um dos elementos relativos à desigualdade de gênero.

Segundo a pesquisa Estatística de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil (2018) realizada pelo IBGE, as mulheres gastam mais tempo cuidando de pessoas da família e/ou realizando afazeres domésticos em relação ao homem, enquanto elas dedicam 18,1 horas semanais, eles dedicam 10,5 horas semanais. Na pandemia, essa realidade parece ter se agravado: segundo dados da pesquisa realizada pela organização Gênero e Número, em parceria com a SOF- Sempreviva Organização Feminista (2020), metade das brasileiras passou a cuidar de alguém durante esse período e 41% das mulheres com emprego afirmam estar trabalhando mais do que antes. No caso da pesquisa realizada no NEI Paulistinha, como a maioria das participantes são as mulheres mães, inferimos que foram elas as principais responsáveis pelo cuidado dos bebês e crianças durante a suspensão das atividades presenciais da instituição, indo ao encontro do cenário do país. Consideramos que essa é uma questão fundamental para compreensão desse período e por isso apontamos a necessidade de maior aprofundamento.

Outra questão que destacamos é referente ao perfil das mulheres participantes da pesquisa. Vale dizer que o contexto investigado é uma escola universitária localizada na Vila Clementino – Zona Sul, região que está entre as mais elevadas no Índice de Desenvolvimento Humano<sup>5</sup> (IDH) da cidade de São Paulo (SÃO PAULO, 2010). Nesse sentido, as participantes da pesquisa apresentam um perfil de mulheres em sua maioria brancas e a minoria negras e amarelas, grande parte com nível superior de escolaridade e uma pequena parcela com nível médio, com vínculo empregatício seja no serviço público ou privado e a minoria desempenha trabalho autônomo e em dois casos as participantes estavam desempregadas.

Ressalta-se, no entanto, que apesar da estabilidade do serviço público de parte das participantes da pesquisa, as mulheres com vínculo empregatício celetista e as autônomas são as profissionais mais vulneráveis em tempos de crise, haja vista a flexibilização das leis trabalhistas durante a pandemia, via Medida Provisória nº 1.046/2021. E os dois casos de desemprego são de mulheres e não dos homens participantes da pesquisa, de acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), que indica que foram as mulheres que perderam mais postos de trabalho do que os homens em 2020, ano em que a pandemia de COVID-19 começou. Enquanto o número de homens ocupados assalariados caiu 0,9% em 2020, a queda entre as mulheres foi de 2,9%<sup>6</sup>.

Outros aspectos que afetaram a vida dessas mulheres e de suas famílias na pandemia são abordados em outros tópicos dessa pesquisa. Dentre eles, o impacto emocional e o acúmulo das tarefas domésticas e profissionais que foram relatados.

A presente pesquisa não nos deu indícios sobre os diferentes impactos na vida das mulheres negras e amarelas com relação as mulheres brancas, o que demanda maior aprofundamento.

---

<sup>5</sup> O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida comparativa de riqueza, alfabetização, educação, esperança de vida, natalidade.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/mulheres-perderam-mais-empregos-na-pandemia-diz-ibge/>. Acesso em 17/11/2022.

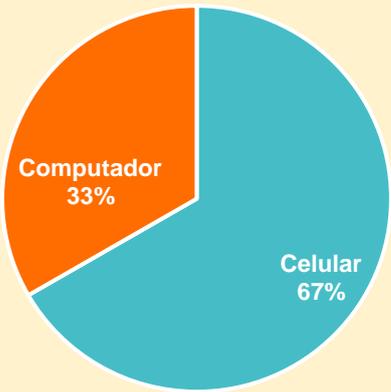


## INFORMAÇÕES SOBRE AS FAMÍLIAS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Este tópico apresenta as informações sobre as famílias participantes da pesquisa.

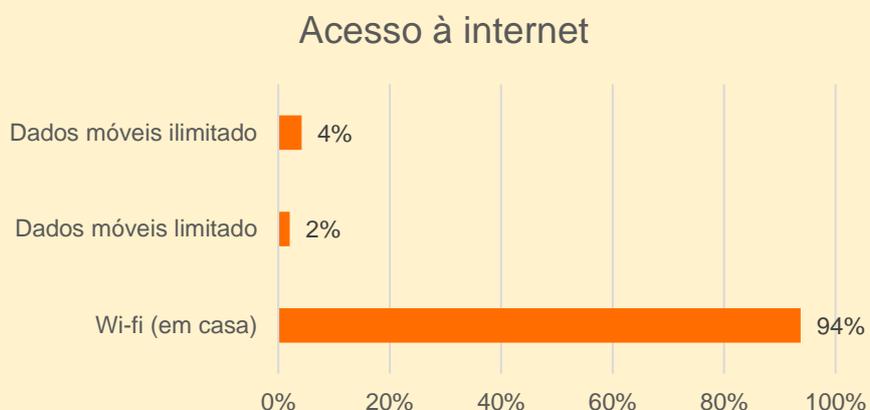
### GRÁFICO 9: ACESSO A EQUIPAMENTOS TECNOLÓGICOS

Acesso a Equipamentos Tecnológicos



Com relação ao acesso a equipamentos tecnológicos, a maioria das famílias afirmam possuir telefone celular – 67% ou 32 e a computador – 33% ou 16.

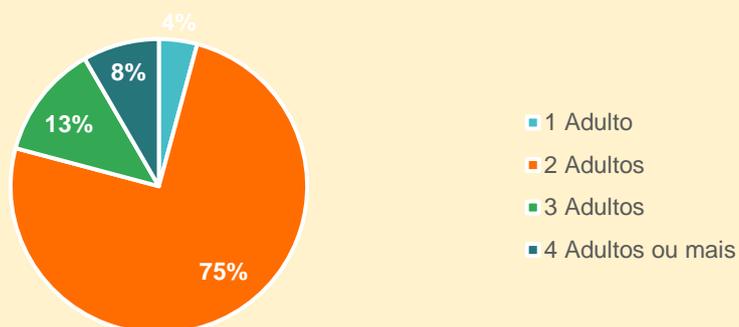
## GRÁFICO 10: ACESSO À INTERNET



A maioria das famílias têm acesso à internet via Wi-fi na moradia – 94% ou 45 e a minoria utiliza dados móveis ilimitado – 4% ou 2 e limitado – 2% ou 1.

## GRÁFICO 11: QUANTIDADE DE ADULTOS QUE MORAM NA CASA DA FAMÍLIA

Quantidade de adultos da casa da família

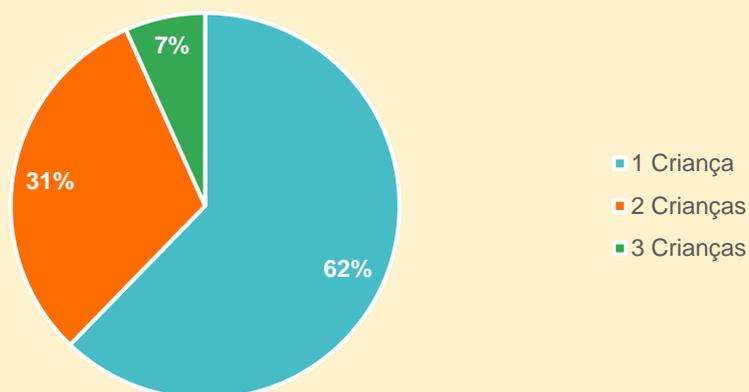


Com relação a composição familiar ou a quantidade de adultos que vivem na mesma moradia das famílias participantes da pesquisa, a maioria afirma morar com 2 adultos – 75% ou 36, seguido por famílias que moram com 3 adultos – 13% ou 6, 4 ou mais adultos – 8% ou 4 e apenas 1 adulto/a – 4 ou 2.

A partir desse panorama, constatamos que são pouquíssimos os núcleos familiares compostos por 4 ou mais adultos, e nenhum com 6 ou mais adultos. Destacamos que mesmo com a incidência mínima nesta pesquisa, 2 núcleos familiares são compostos por mães, que moram sozinhas com 2 e com 3 crianças respectivamente. Essas mulheres se autodeclararam brancas e possuem vínculo trabalhista como autônoma e como estatutária, respectivamente.

### **GRÁFICO 12: QUANTIDADE DE CRIANÇAS QUE MORAM NA CASA DA FAMÍLIA**

Quantidade de crianças da casa da família

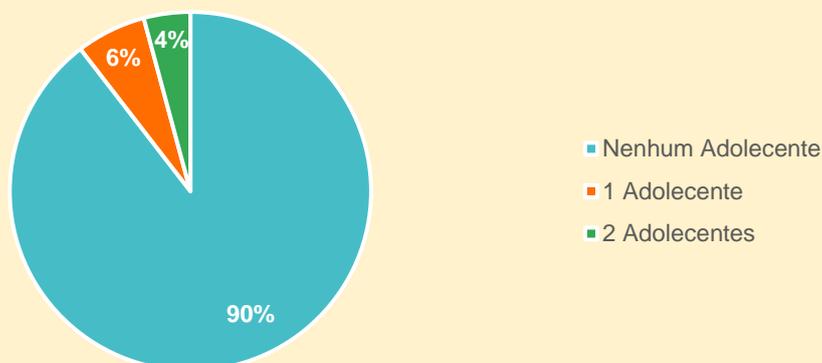


Além das/os adultos residentes na mesma moradia das famílias participantes da pesquisa, a maioria mora com uma criança – 62% ou 28, seguido pelas famílias que moram com 2 crianças – 31% ou 14, e a minoria tem 3 crianças na mesma moradia – 7% ou 3.

Notamos que 3 famílias respondentes deixaram sem assinalar essa categoria, no entanto, as crianças dessas famílias estão matriculadas no NEI Paulistinha.

### GRÁFICO 13: QUANTIDADE DE ADOLESCENTES QUE MORAM NA CASA DA FAMÍLIA

Quantidade de adolescentes da casa da família

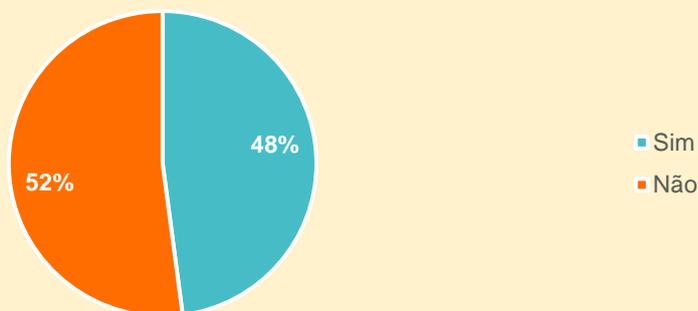


Já com relação a adolescentes, 90% ou 43 afirmam que não têm adolescentes residindo na mesma moradia das famílias participantes da pesquisa e apenas 6% ou 3 afirmam morar com 1 adolescente e 4% ou 2 moram com 2 adolescentes.

Das famílias que moram com adolescentes, 1 núcleo familiar é composto por 1 adolescente e 2 adultos residindo na moradia da criança, nesse caso específico a mãe está desempregada. Os 2 núcleos familiares com 2 adolescentes, 1 família é composta por 3 adultos e 1 criança e a outra é composta por 2 adultos e 2 crianças. Chama nossa atenção o fato das crianças, foco da pesquisa, não conviverem na maioria dos casos com adolescentes.

## GRÁFICO 14: IMPACTO ECONÔMICO NA PANDEMIA

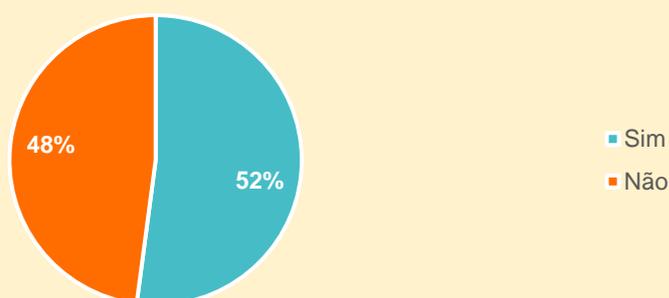
### Impacto econômico na pandemia



Pouco mais que a metade das famílias participantes 52% afirmaram que não sofreram impacto econômico durante a pandemia e 48% das famílias tiveram impacto econômico, infere-se que essas famílias fazem parte daquelas que têm vínculo empregatício como celetistas e, portanto, não possuem a estabilidade que as/os trabalhadoras/es estatutários. Portanto, quase metade dos respondentes apontou que algum dos membros do núcleo familiar foi afetado economicamente pela pandemia.

## GRÁFICO 15: TRABALHO REMOTO NA FAMÍLIA

### Trabalho remoto



As famílias que desenvolveram trabalho remoto na pandemia representam a maioria com 52% ou 25, seguido pelas famílias que não tiveram

alteração na modalidade de trabalho – 48 ou 23, sendo o mesmo presencial. Infere-se que as pessoas da família que puderam optar pelo trabalho remoto na pandemia são as/os estatutárias/os – servidoras/es públicos.

Através da pesquisa obteve-se as seguintes respostas para quem são as pessoas que moram com a criança e permaneceram em trabalho remoto, conforme segue quadro abaixo.

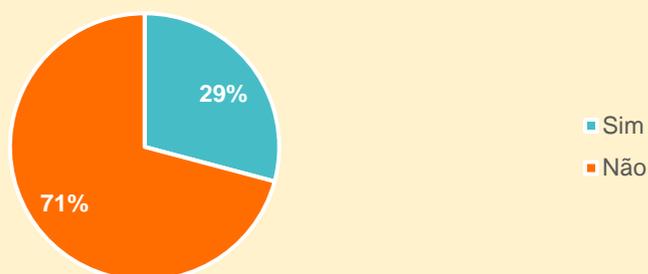
**TABELA 1: PESSOAS QUE MORAM COM A CRIANÇA**

<b>Pessoas que moram com a criança</b>	<b>Resultado</b>	
Mãe	19	76%
Pai	14	56%
Tio(a)	1	4%
Avô(ó)	1	4%
O pai acaba de sair da atividade remoto e voltou 100% presencial	1	4%

Observamos que nos núcleos familiares pesquisados mais mães que pais permaneceram em trabalho remoto na época da pesquisa. Podemos, entre outras variantes, supor que na negociação seja trabalhista ou na família, é maior a pressão para a mulher assumir os encargos domésticos em trabalho remoto.

## GRÁFICO 16: ESTUDO REMOTO NA FAMÍLIA DA CRIANÇA

### Estudo na pandemia



A maioria das famílias participantes da pesquisa possuía alguém que morava com a criança e que estudava remotamente durante a pandemia – 71% ou 34, a minoria não tinha ninguém nessa situação – 29% ou 14.



## Considerações Sobre as Famílias Participantes da Pesquisa

Referente as informações das famílias participantes da pesquisa, constatamos que todas elas tiveram acesso a algum tipo de equipamento tecnológico, seja computador e/ou celular, assim como a internet, pois a maioria das famílias confirmaram utilizar o Wi-fi na moradia e dados móveis (ilimitado ou limitado), sendo que nenhuma ficou sem acesso à internet. Esse dado, ao mesmo tempo que contrasta com a realidade nacional, na qual um grande número de famílias e crianças não tiveram acesso à internet em casa durante a pandemia<sup>7</sup>, também indica uma outra questão, a ser aprofundada posteriormente, que diz respeito ao uso excessivo de tecnologia por crianças pequenas ao longo desse período.

Além disso, também constatamos que a maioria das famílias participantes da pesquisa possuía alguém que estudava remotamente durante a pandemia, indicando, nesse sentido, que puderam ter acesso a notícias, informações, meios de comunicação e espaços formativos durante esse período.

Com relação a composição familiar, constatamos que os núcleos familiares, em sua maioria, são compostos por dois adultos, uma criança e nenhum adolescente, vivendo na mesma residência, evidenciando o fato das crianças, foco da pesquisa, não conviverem em seus ambientes domésticos com outras crianças ou adolescentes.

Quanto aos impactos econômicos advindos da pandemia, um pouco mais da metade afirmou que não sofreu. Já quase metade dos respondentes apontou que algum dos membros do núcleo familiar foi afetado economicamente. Consideramos ser fundamental destacar que outros fatores, não citados diretamente pelas famílias, podem ter as afetado economicamente. Referimo-nos, nesse caso, ao contexto socioeconômico do país, com aumento de inflação conjugada a congelamentos de salários, além da possibilidade de perda de

---

<sup>7</sup> Sobre isso, indicamos: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-05/brasil-tem-48-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-sem-internet-em-casa>

algum ente familiar acometido pela COVID-19, diretamente implicados na constituição do orçamento doméstico<sup>8</sup>.

Ainda relacionado ao campo do trabalho, as famílias que desenvolveram trabalho remoto na pandemia representam um pouco mais da metade dos/das entrevistadas. Observa-se que as mães foram as que mais trabalharam remotamente, acentuando a responsabilidade concomitante aos encargos domésticos.

Inferimos que as famílias menos afetadas economicamente, como também as que puderam optar pelo trabalho remoto na pandemia, fazem parte das que têm vínculo empregatício como estatutárias/os – servidoras/es públicos.

---

<sup>8</sup> Sobre isso, indicamos: <https://portal.fgv.br/artigos/pressao-inflacao-pandemia-sobre-familias-mais-pobres>; <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/10/analise-efeitos-da-pandemia-de-covid-19-a-alta-da-inflacao-no-brasil-e-no-mundo>.



## INFORMAÇÕES SOBRE AS/OS BEBÊS E CRIANÇAS DAS FAMÍLIAS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Serão aqui apresentadas as informações sobre os/as bebês e crianças, que frequentam a Educação Infantil no Núcleo de Educação Infantil Paulistinha da Unifesp, filhos/filhas das famílias participantes da pesquisa.

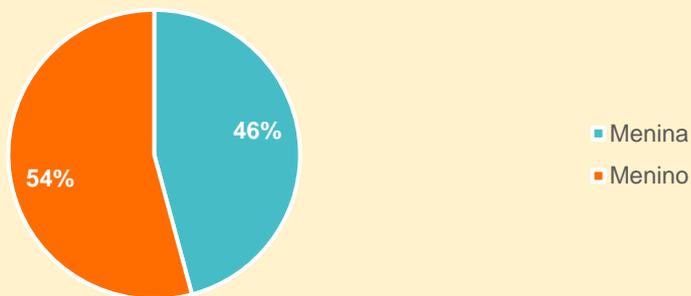
### GRÁFICO 17: IDADE DA CRIANÇA



A idade das/os bebês e crianças indica que a maioria tem até 3 anos de idade – 25 ou 52% e 23 ou 48% das crianças têm de 4 a 6 anos de idade.

## GRÁFICO 18: GÊNERO DA CRIANÇA

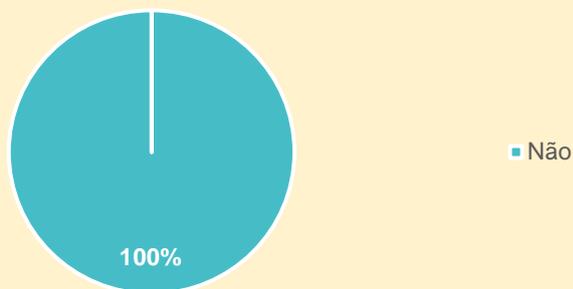
Gênero da criança



Com relação ao gênero, as famílias indicaram que 54% ou 26 das/os bebês e crianças são meninos e 46% ou 22 são meninas.

## GRÁFICO 19: CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA

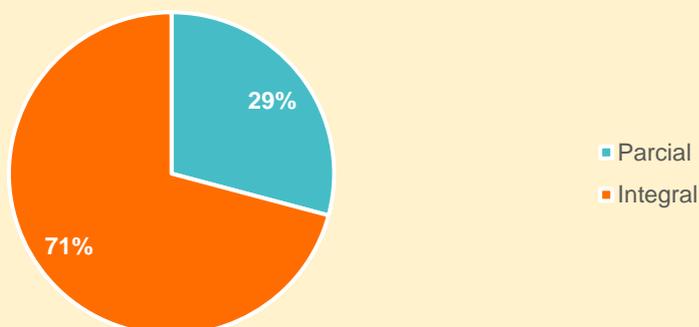
Deficiência



As famílias afirmaram que as/os bebês e crianças não têm nenhuma deficiência – 100% ou 48.

## GRÁFICO 20: PERÍODO DE MATRÍCULA DA CRIANÇA NA ESCOLA

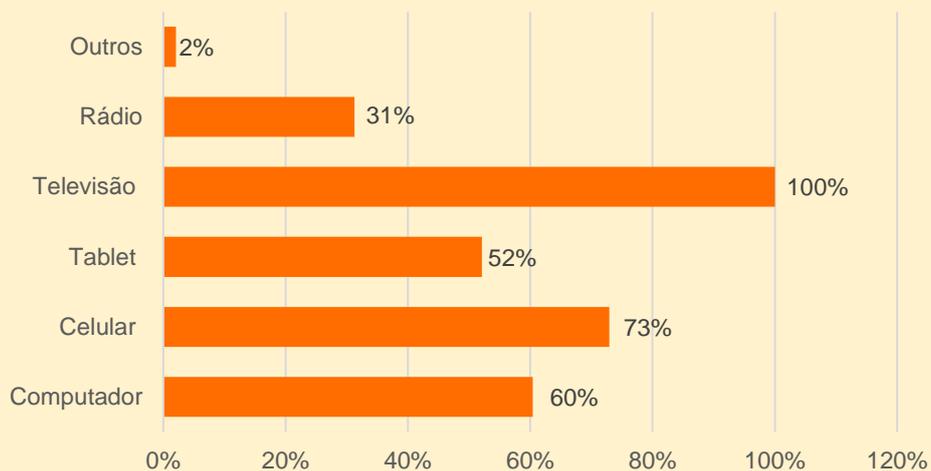
Período de matrícula da criança na escola



Com relação ao período na Educação Infantil, a maioria das/os bebês e crianças estão matriculados em período integral - 71% ou 34 e as demais em período parcial – 29 ou 14.

## GRÁFICO 21: ACESSO DA CRIANÇA A EQUIPAMENTOS TECNOLÓGICOS

Acesso a equipamentos tecnológicos

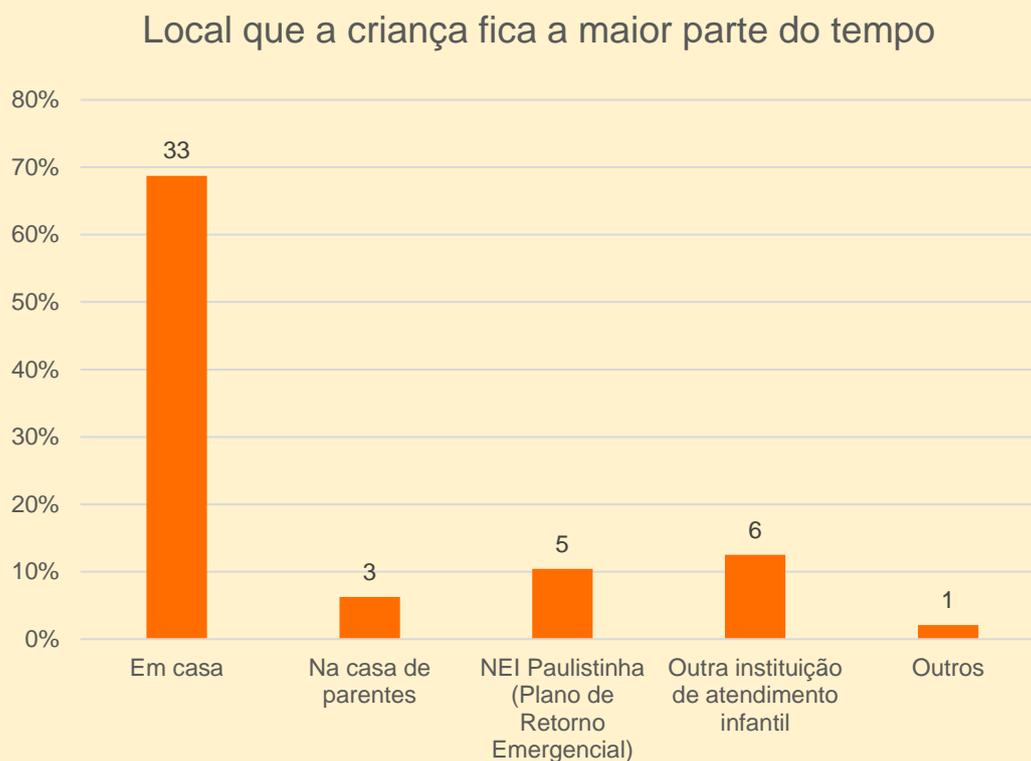


A totalidade das/dos bebês e crianças têm acesso a televisão – 100% ou 48, seguido pelo grupo que acessa o aparelho celular – 73% ou 35, computador – 60% ou 29, tablet – 52% ou 25, rádio 31% ou 15 e outros 2% ou 1.

Seguida pelo celular, observamos a presença do televisor como o equipamento tecnológico mais presente nas casas, em outra questão podemos

observar que assistir televisão também foi apontada como a atividade realizada com mais frequência pelas crianças/bebês (78%) durante este período de distanciamento social.

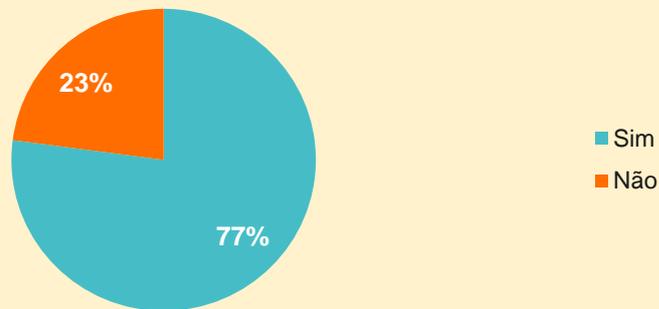
## **GRÁFICO 22: LOCAL QUE A CRIANÇA FICA A MAIOR PARTE DO TEMPO**



Com relação ao local que as/os bebês e crianças passam a maior parte do tempo, a pesquisa revelou que a maioria permaneceu em casa – 69% ou 33, seguido pelo grupo que frequentou outra instituição de atendimento infantil – 13% ou 6 e pelo grupo que retornou ao NEI Paulistinha no segundo semestre de 2021 no Plano de Retorno Emergencial – 10% ou 4, por fim, 8 % ou 3 ficaram em na casa de parentes e outros – 2% ou 1, arranjo não especificado.

### GRÁFICO 23: INTERAÇÃO ENTRE PARES

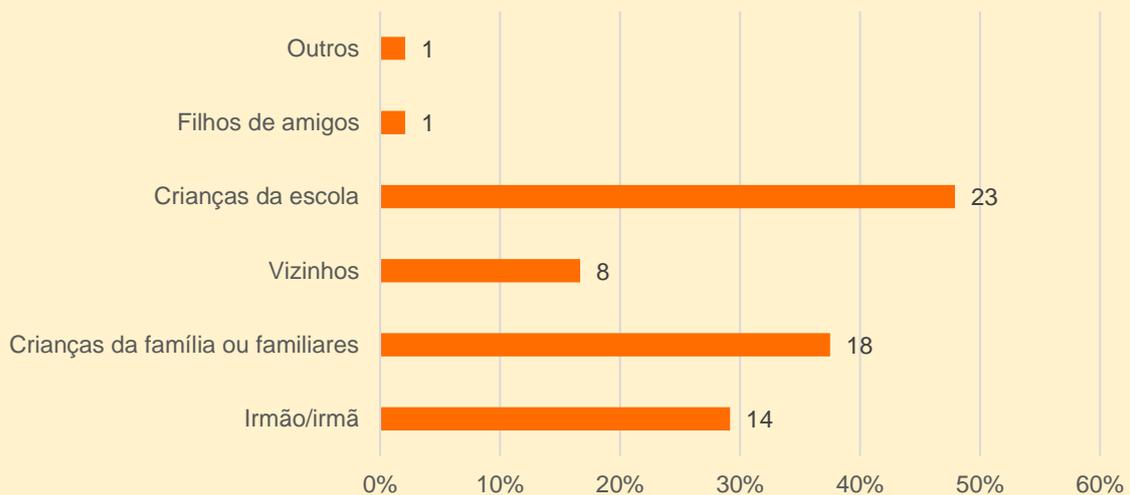
Interação entre pares



Através da pesquisa também pudemos observar que a maioria dos respondentes (77%) disseram que as crianças e os bebês estavam tendo contato com outras crianças ou bebês, e 23% não tinham nenhum contato com outros bebês e crianças.

### GRÁFICO 24: QUEM SÃO AS CRIANÇAS DAS INTERAÇÕES ENTRE PARES

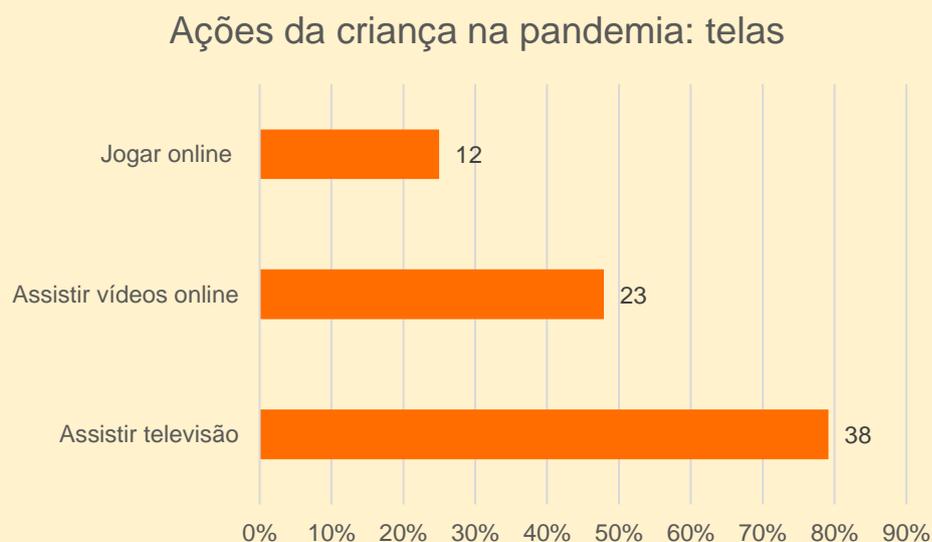
Quem são as crianças das interações entre pares



Para saber com quem essas crianças ou bebês estavam interagindo durante esse período a pesquisa revelou que apesar do atendimento presencial ter sido interrompido, a maioria das crianças interagiram com outras crianças da escola – 48% ou 23, seguido pelas crianças que interagiram com outras crianças

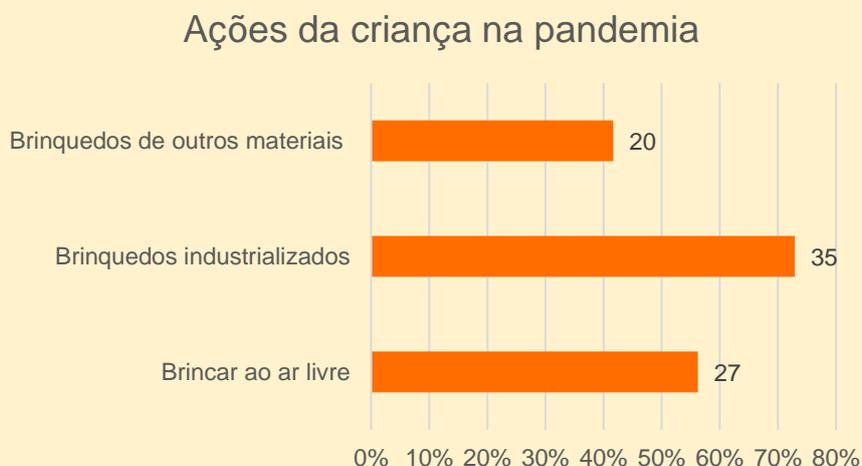
das famílias – 38% ou 18, com irmãs e irmãos – 28% ou 14, com vizinhos 15% ou 8, filhos de amigos 2% ou 1 e outros 2% ou 1.

**GRÁFICO 25: AÇÕES QUE A/O BEBÊ E/OU A CRIANÇA TEM REALIZADO COM MAIOR FREQUÊNCIA: TELAS**



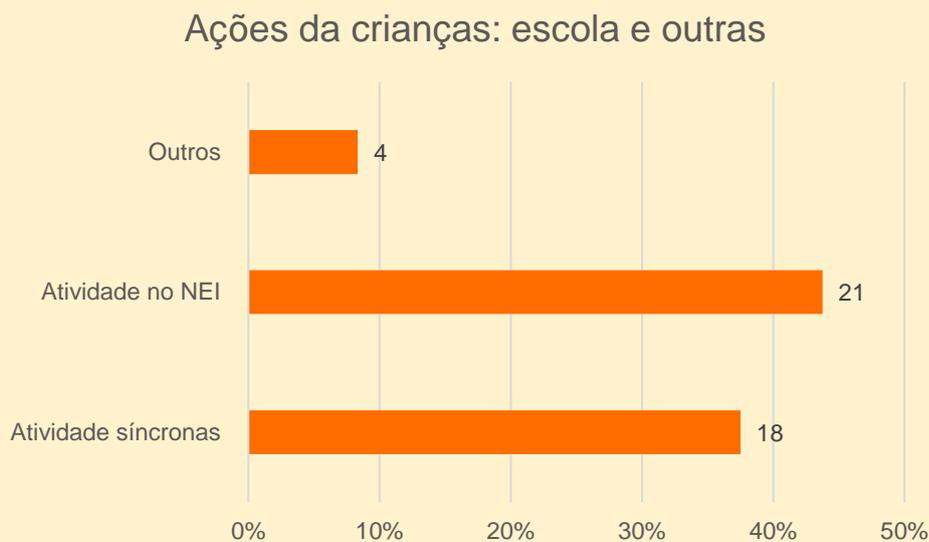
Com relação as ações das/os bebês e crianças com ou frente as telas, 79% ou 38 assistem televisão, 48% ou 23 assistem vídeos na internet e 25% ou 12 jogam jogos on-line.

**GRÁFICO 26: AÇÕES QUE A/O BEBÊ E/OU A CRIANÇA TEM REALIZADO COM MAIOR FREQUÊNCIA: BRINCADEIRAS**



Com relação as brincadeiras e brinquedos, 73% ou 35 crianças brincam com brinquedos industrializados, em seguida brincam ao ar livre – 56% ou 27 e com brinquedos de outros materiais – 42% ou 20.

**GRÁFICO 27: AÇÕES QUE A/O BEBÊ E/OU A CRIANÇA TEM REALIZADO COM MAIOR FREQUÊNCIA: ESCOLA E OUTRAS**



Também perguntamos se as/os bebês e crianças realizam atividades remotas da escola ou presenciais na escola, devido ao Plano de Retorno Emergencial, e 38% ou 18 realizam atividades síncronas, ou seja, acompanham os encontros on-line via *google meet* e 44% ou 21 já haviam retornado presencialmente e realizam atividades no NEI.

Algumas famílias indicaram outras ações como leitura de livros – 1; que as crianças acompanham tarefas das/os adultos nas tarefas domésticas – 1, que contratou uma tutora para cuidar da criança -1, e que o bebê está frequentando outra escola, 3 vezes por semana, para complementar a frequência no NEI Paulistinha, 2 vezes por semana.



## Considerações Sobre as/os Bebês e Crianças das Famílias Participantes da Pesquisa

Diante dos dados apresentados, nos chama a atenção que apenas um bebê com menos de um ano de idade foi referido nas respostas à pesquisa, ainda que a maioria dos bebês e crianças participantes da pesquisa tenha até três anos na época. Na amostra nenhum com deficiência e há uma ligeira maioria de meninos. Praticamente  $\frac{3}{4}$  dos bebês e crianças são matriculados no NEI Paulistinha em período integral.

Observa-se o acesso absoluto das crianças e bebês à televisão no ambiente doméstico, entre outros equipamentos tecnológicos, seguida do celular e computador - assistindo televisão, vídeos on-line e jogos. Assim, a predominância dos equipamentos vídeo-auditivos sobre os auditivos representados aqui pelo rádio que segue presente, porém com menor incidência.

Sobre isso, interessa-nos algumas considerações: o aumento do uso da tecnologia por bebês e crianças pequenas ao longo desse período parece estar atrelado as necessidades de compartilhamento de cuidados das famílias, muitas delas em home office, que viam nos aparelhos recurso possível para manter as crianças desenvolvendo alguma tarefa ou “ocupadas” ao longo do dia; além disso, não podemos desconsiderar a importância da tecnologia, que de certa forma, como instrumento de comunicação, manteve as crianças conectadas aos familiares, amigos e professores.

No entanto, ainda que não haja consenso na literatura a respeito dos seus possíveis efeitos para o desenvolvimento infantil, sobretudo quando consideramos os bebês e as crianças bem pequenas, há indícios de possíveis mudanças nos comportamentos das crianças e na própria estruturação do cotidiano dos lares brasileiros a partir dessa intensificação do uso da tecnologia com a pandemia. Consideramos esses destaques como importantes de serem aprofundados em outros momentos.

Enquanto as atividades presenciais no NEI Paulistinha estiveram suspensas, algumas crianças, ainda que minoria quantitativamente, frequentaram outras instituições de atendimento infantil. Aliás, o número de crianças participantes dessa pesquisa e que estiveram em outras instituições foi inclusive ligeiramente maior do que aquelas cujas famílias optaram pelo retorno parcial à escola, em meados de 2021, quando foi iniciado o Plano de Retorno Emergencial do NEI Paulistinha<sup>9</sup>. Percebe-se que a emergência de reestruturação das famílias expõe condições históricas do atendimento à primeira infância no país, que diz respeito, por exemplo, a incidência de instituições improvisadas ou clandestinas para cuidado das crianças (ROSEMBERG, 2002) e a falta de políticas públicas estruturadas, que possam garantir a elas os direitos de provisão e proteção (SOARES, 2005) para além da escola.

A pesquisa ainda aponta que as interações entre pares se dão com as crianças da escola. Portanto, é na escola, por excelência, que as crianças constroem suas relações entre pares. O NEI Paulistinha cumpre esta missão de encontro comunitário entre as crianças, que o mantém mesmo em tempos de isolamento social. Porém uma quantidade considerável de bebês e crianças que não tiveram contato com outras crianças ou bebês durante o isolamento, e conseqüentemente interagiram apenas com pessoas adultas, sabemos que esses adultos foram as únicas pessoas que puderam se fazer presente neste momento, e não podemos saber, a priori, a dimensão dos impactos causados aos bebês e crianças que ficaram privados do convívio social por causa do contexto vivido.

Observa-se a predominância dos brinquedos industrializados conduzindo as ações das crianças. As ações/brincadeiras de bebês e crianças durante o isolamento social se dão mais com brinquedos industrializados, seguidas de brincadeiras ao ar livre e por último com outros brinquedos.

---

<sup>9</sup> Cabe destacar que esse plano foi elaborado e instituído pela Comissão Local de Retorno às Atividades Presenciais do NEI Paulistinha, que por sua vez, seguiu as diretrizes estabelecidas pela Resolução n. 205/2021, que dispõe sobre o Planejamento do Retorno Gradativo, Progressivo e Seguro das Atividades Presenciais no Contexto da Pandemia da Covid-19 na Unifesp.



---

## BREVES CONSIDERAÇÕES

Conforme apresentado, a primeira parte do questionário virtual era composta de três eixos, interconectados entre si: a) informações iniciais dos participantes/respondentes da pesquisa; b) informações sobre as famílias e c) informações sobre os bebês e crianças. Embora reconheça-se as diversidades do grupo pesquisado, como elemento fundamental de análise da pesquisa, as respostas obtidas por meio do questionário virtual permitem evidenciar um panorama, indicando o perfil de seus participantes, assim como algumas breves considerações, não generalizáveis, sobre ele.

Assim, temos como resultado das informações iniciais dos participantes/respondentes da pesquisa que a maioria é formada por mulheres-mães das crianças matriculadas na escola, brancas, sem deficiência e com idade entre 31 e 40 anos. Indicam ter vínculo empregatício, a maioria sob regime estatutário, da área da saúde e com pós-graduação.

Já sobre as famílias participantes da pesquisa é possível destacar que a maioria é formada por 2 (dois) adultos e 1 (uma) criança. Tiveram acesso à internet e equipamentos tecnológicos ao longo do período e pouco mais da metade afirma não ter sofrido impacto econômico. Além disso, grande parte das famílias tiveram alguém em trabalho remoto, especialmente as mulheres. Além das crianças, indicaram também a incidência de outras pessoas estudando de forma remota.

Por fim, com relação aos bebês e crianças participantes da pesquisa, constata-se que a maioria tem até 3 (três) anos de idade, são meninos e sem deficiência. Todos têm acesso a televisão e aparelhos celulares, tablets e computador. A maioria das crianças passou o período de suspensão das atividades presenciais na escola em casa, mas também, há incidência daquelas que frequentaram outras instituições de atendimento infantil. Nesse período, tiveram contato com outras crianças, em especial, os amigos da escola, familiares e vizinhos. As atividades indicadas como aquelas desenvolvidas com

maior frequência foram assistir televisão, seguida de assistir vídeos on-line, assim como as brincadeiras foram prioritariamente feitas com brinquedos industrializados.

Com tais dados sistematizados também apontamos algumas questões a serem alargadas e aprofundadas em outros momentos, ou no desenvolvimento de outras pesquisas:

- a) gênero como dimensão do cuidado e educação da primeira infância;
- b) a incidência das mulheres que majoritariamente desempenham as funções de cuidados das crianças e, nesse sentido, o papel ampliado da educação infantil como política que atua na diminuição das desigualdades estruturais de gênero;
- c) o uso da tecnologia pelas crianças pequenas e a possibilidade da pandemia ter se caracterizado como um importante “marco” histórico e social com impactos na organização das famílias e no comportamento das crianças;
- d) a fragilidade das políticas públicas destinadas à primeira infância;
- e) o reconhecimento de que as crianças, como sujeitos relacionais, sofrem os impactos das crises sociais, políticas e econômicas, pois não estão apartadas daquilo que é também vivido pelos adultos. Nesse caso, é necessário reconhecer como os cotidianos das crianças podem ser caracterizados e profundamente marcados por processos lentos e históricos de exclusão e desigualdades sociais.

Conforme anunciamos, a continuidade desta pesquisa se dará com a análise das perguntas abertas do questionário e aprofundamento dos dados aqui apresentados. Espera-se que seus resultados contribuam para compreensão da realidade vivida por crianças e famílias da Educação Infantil, colaborando com o planejamento de ações em lócus, na própria escola ou no âmbito da Universidade, assim como também de outras instituições de Educação Infantil do país. Além disso, espera-se que as questões suscitadas no âmbito da pesquisa possam embasar discussões públicas e inspirar a continuidade de outras pesquisas sobre as crianças da Educação Infantil e suas famílias.



---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996, Seção 1, p. 2.

BRASIL, **Medida provisória nº 1.046/2021, de 27 de abril de 2021**. Dispõem sobre as medidas trabalhistas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (covid-19). Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 28 abril. 2021. Seção 1, p. 5.

CONSU. **Resolução 205 de 05 de agosto de 2021**. Dispõe sobre o Planejamento do Retorno Gradativo, Progressivo e Seguro das Atividades Presenciais no Contexto da Pandemia da Covid-19 na Unifesp. 2021.

COZBY, P. C. Métodos de pesquisa em ciências do comportamento. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

GATTI, Bernadette Angelina. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Líber Livro editora, 2005.

GÊNERO E NÚMERO; SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMININA. Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. (S.I.:S.N). Disponível em:

GÊNERO E NÚMERO; SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. **Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. (S.I.: S.N)**. Disponível em: [Sem parar: O trabalho e a vida das mulheres na pandemia \(sof.org.br\)](https://www.sof.org.br)

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas do cadastro central de empresas: 2020 / IBGE**, Coordenação de Cadastros e Classificações. - Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

LIMA, L. P; CARVALHO, R. S; SILVA, A. P. S. **A perspectiva da família sobre a relação com a creche e a pré-escola em tempos de pandemia de COVID-19 – Informe 1: Dados Quantitativos sobre o retorno das atividades**

**presenciais.** Uberlândia, 21 de outubro, 2020. Disponível em: [PesquisaFamiliaEICOVID19-InformeQuantitativo1.23.10.2020.pdf \(usp.br\)](#)

LÜDKE, Menga; ANDRE, Marli. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** 2. Ed. Rio de Janeiro, EPU, 2013.

LÜDKE, Menga; ANDRE, Marli. E. d. a. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

NASCIMENTO, A. P; BRENDA, B; FERNANDES, P. F; SILVA, N. M; ARAUJO, T. V. **Núcleo de Educação Infantil Paulistinha – Escola Paulistinha de Educação: Ensino, Pesquisa e Extensão em uma Unidade Universitária de Educação Básica.** In: Unifesp 25 Anos Histórias e Reflexões. NEMI, A; GALLIAN, D; MINHOTO, M. A. P. (Org). São Paulo: Editora Unifesp, 2020.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Organizações Multilaterais, Estado e Políticas de Educação Infantil.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 115, p. 25-63, março de 2002.

SÃO PAULO. **Índice de Desenvolvimento Humano - 2010.** Acesso em 17/11/2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/pesquisa/37/30255>

SZYMANSKI, Heloisa. **Práticas Educativas Familiares: a família como foco de atenção psicoeducacional.** Rev. Estudos de Psicologia, PUC-Campinas, v. 21, n. 2, p. 5-16, maio/agosto 2004.

**PARA CONHECER O NEI PAULISTINHA**

**Site:** <https://paulistinha.unifesp.br/>

**PARA CONHECER O GRUPO DE PESQUISA**

**Site:** <https://acriancar.unifesp.br/>

**CONTATO**

**E-mail:** [acriancar@gmail.com](mailto:acriancar@gmail.com)

